

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1955/56	1
MÃO DE OBRA NA AGRICULTURA PAULISTA	9
EFETOS DA GEADA SOBRE O CAFÉ	14
MERCADO DE CAFÉ: Situação geral dos negócios—Pequeno aumento das exportações—Posição estatística no Brasil em 31/8/55—Preços e despachos no Interior	16
MERCADO DE ALGODÃO: Melhor tendência nas cotações mundiais—Definição da política algodoeira americana—Movimento de negócios em São Paulo—Exportação para o Exterior—Algodão em pluma classificado—Preços e entradas nas máquinas.....	22
MERCADO DE CEREAIS: Altas acentuadas nas cotações do milho.....	26
SITUAÇÃO DA LAVOURA	27
SITUAÇÃO DA PECUÁRIA	32
SITUAÇÃO DA AVICULTURA	34
A AGRICULTURA NO EXTERIOR	37
ESTATÍSTICAS: Preços médios no Interior..	40
Divisão do Estado de São Paulo em Setores e Regiões Agrícolas	41
Importação e Exportação pelo porto de Santos....	42

A N O V
Nº 9
SETEMBRO DE 1955

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 10º andar, Caixa Postal, 8083
São Paulo - Brasil

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Eng.º Agr.º Buy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

Política da Produção Agrícola

Eng.º Agr.º C.C.Fraga, chefe
Eng.º Agr.º Salomão Schattan
Eng.º Agr.º Milton N.Camargo
Eng.º Agr.º Ismar F.Pereira

Mercados e Preços

Eng.º Agr.º Rubens A.Dias, chefe
Eng.º Agr.º Mauro S.Barros

Organização e Administração Rural

Eng.º Agr.º O.J.T.Etteri, chefe
Eng.º Agr.º F.S.Gomes Junior

Previsão de Safras e Cadastro

Eng.º Agr.º Mario Zaroni, chefe
Eng.º Agr.º Oswaldo B.Costa

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Eng.º Agr.º Mario D.Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Eng.º Agr.º J.M.Fonseca Lima

SECRETARIA DA AGRICULTURA

do

Estado de São Paulo

 PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA DE 1955/56

O problema da fixação de preços mínimos para os produtos agrícolas previstos na Lei nº 1506, foi, de novo, acrescido duma ocorrência extremamente importante, qual seja, as geadas dos primeiros dias de agosto. Obviamente, a influência desse fenômeno climático, atinge em cheio e diretamente o Estado de São Paulo, não obstante ter sido esta unidade territorial atingida de modo relativamente moderado por aquele flagelo. É que, como não se ignora, para São Paulo converge grande contingente da produção dos Estados vizinhos, proveniente notadamente do Norte do Paraná, Triângulo Mineiro, Sul de Goiás etc. Assim, é preciso levar em conta o efeito que essas colheitas irão provocar nos preços dos produtos e, conseqüentemente, na renda dos agricultores.

Ora, não pode ser desprezada a possibilidade de acentuação do aumento nas áreas de plantio de algodão, cereais e outros gêneros alimentícios, em virtude das geadas. Tais acréscimos, talvez, não sejam percentualmente da mesma ordem de grandeza daqueles verificados após as geadas de 1953, pois, os preços de alguns dos produtos agrícolas, hoje, são inferiores até em valor absoluto isto é, sem levar em conta a desvalorização da moeda, àqueles que então vigoravam. É o que se pode observar pelo seguinte quadro:

Quadro I

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES NO ESTADO DE
 SÃO PAULO, PARA ALGUNS PRODUTOS AGRÍCOLAS NO PERÍODO
 DE JANEIRO A AGOSTO (EM 1953 e 1955)

	Milho		Arroz		Feijão		Amendoim		Algodão	
	1953 Cr\$ por	1955 60 kg.	1953 Cr\$ por	1955 50kg	1953 Cr\$ por	1955 60kg	1953 Cr\$ por	1955 25kg	1953 Cr\$ por	1955 arrôba
Jan.	146,20	144,80	296,20	400,90	379,60	610,40	67,90	106,96	-	-
Fev.	147,40	148,10	335,80	399,20	488,80	620,20	71,10	90,90	-	-
Mar.	145,50	152,40	333,70	430,10	588,70	750,40	83,10	77,90	81,40	132,30
Abr.	133,30	161,50	328,60	390,50	572,20	745,80	87,30	73,50	80,70	128,70
Mai	129,80	163,70	324,20	356,20	318,50	414,70	82,30	77,00	79,50	139,60
Jun.	129,00	177,60	354,20	338,30	274,40	410,40	78,50	71,70	78,90	142,10
Jul.	139,00	189,50	421,00	347,00	260,70	423,10	98,00	75,60	78,50	137,10
Agt.	134,90	-	456,50	-	253,60	-	115,60	-	-	-

Apesar do menor estímulo dos preços, é lícito, entretanto, aguardar-se expansão da área a ser plantada, pois, outros fatores como sejam: premência de obter o cafeicultor aumento de renda em outras explorações, interesses dos proprietários em manter os colonos e demais empregados em suas fazendas através de permissão para maior plantio, necessidade de assegurar-se o abastecimento interno da propriedade economizando o numerário que seria destinado á compra de gêneros etc.

Pelo exposto, é facil concluir que as perspectivas são de eventuais sobras de produção caso haja transcurso normal do tempo.

A diretriz fundamental que deverá presidir a política dos preços mínimos será, portanto, mais uma vez, a de evitar que essas eventuais sobras exerçam efeito demasiadamente depressivo sobre os preços, o que virá aviltar a renda dos produtores. Isso não significa, evidentemente, a manutenção dos atuais preços do mercado, os quais, não obstante serem inferiores aos de épocas passadas, podem ser considerados, ainda, como satisfatórios.

Inutil dizer que tais considerações são de âmbito geral, válidas unicamente para o conjunto dos produtos em apreço; as exceções serão apontadas mais adiante, quando do exame individual de cada produto. Elas aplicam-se igualmente ao valor da nossa moeda, pois, qualquer modificação no sistema cambial que atinja o valor do cruzeiro, poderá, obviamente, subverter todas as relações de valores aqui estabelecidas, o que demandará, então, um reestudo do assunto.

Finalmente, cabe assinalar que, além das proposições que vimos fazendo anualmente sobre a condução da política de preços mínimos, seria bastante vantajoso que as autoridades responsáveis não só deliberassem em tempo hábil sobre as bases de preços que deverão ser asseguradas como, também, lhes dessem ampla divulgação junto aos produtores de modo a, antes do plantio, esclarece-los sobre tais preços e não lhes fornecessem argumentos ponderosos para eventuais reivindicações. A propósito, não nos parece superfluo voltar a insistir na imperiosa necessidade em que se encontra o organismo responsável pela execução da garantia desses preços, de diligenciar no sentido de prover, em tempo hábil, meios de armazenamento e transporte suficientes para atender às exigências da safra que se avizinha e, ao que tudo indica será volumosa.

Afigura-se-nos, também, de bom alvitre, que seja adotada uma taxa fixa para as despesas em que incorrem os produtos para serem levados aos portos de exportação. Dessa forma, em qual

quer ponto do Interior do Estado, vigoraria um único preço mínimo. Esse critério, embora menos técnico sob o ponto de vista teórico, é muito mais prático, uma vez que facilita de muito a execução dos itens de garantia de preços. Em favor dessa orientação, aliás, pode-se alegar que, todas as vezes que o organismo responsável por aquela garantia tem sido chamado a intervir no mercado a fim de efetivá-la, o fez através da uniformização das despesas, tornando assim exequível, de acordo com os recursos do referido organismo, a aplicação do sistema.

Algodão

Ainda que os E.U.A. permaneçam no propósito de manter estabilizados os preços mundiais do algodão, não facilitando de modo especial a colocação dos grandes estoques em seu poder, propósito que ainda pende de resolução, há evidentes indícios de depressão na situação mundial do produto. Entre esses, pode-se citar as modificações introduzidas pelos E.U.A., no sistema de garantia de

* * *

Quadro 11

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA MUNDIAL DO ALGODÃO (COM EXCLUSÃO DA RUSSIA E DOS PAÍSES SATÉLITES)

Safras com início em agosto

Milhões de fardos de 217 quilos

I T E M S	1950/51	1951/52	1952/53	1953/54	1954/55	1955/56 (1)
SUPRIMENTO						
I - Estoque em 1/8						
E.U.A.	6,8	2,3	2,8	5,6	9,7	11,0
Outros	8,8	8,4	10,5	9,9	8,7	8,8
Total	15,6	10,7	13,3	15,5	18,4	19,8
II - Produção						
E.U.A.	9,9	15,1	15,2	16,4	13,6	12,7
Outros	12,3	13,5	13,7	13,9	15,4	16,4
Total	22,2	28,6	28,9	30,3	29,0	29,1
Total I + II	37,8	39,3	42,2	45,8	47,4	48,9
DISTRIBUIÇÃO						
III - Consumo						
E.U.A.	10,5	9,2	9,5	8,6	8,9	...
Outros	16,0	16,0	16,4	18,3	18,5	...
Total	26,5	25,2	25,9	26,9	27,4	
IV - Estoque em 31/7						
E.U.A.	2,3	2,8	5,6	9,7	11,0	...
Outros	8,4	10,5	9,9	8,7	8,8	...
Total	10,7	13,3	15,5	18,4	19,8	
Total III + IV	37,2	38,5	41,4	45,3	47,2	...
V - Diferença (2)	0,6	0,8	0,8	0,5	0,2	...

(1) - Estimativas.

(2) - Corresponde a perdas em sinistros e saldos exportados no comércio com a Rússia e países satélites.

Fonte: Comitê Consultivo Internacional do Algodão e "Bureau of Agricultural Economics (USDA).

preços, as quais admitem para a safra de 1956/57, a possibilidade de serem adotadas bases de preços menores que as vigentes para a atual safra. Essa eventualidade precisa ser considerada, uma vez que os preços da futura safra de São Paulo irão ser diretamente influenciados por aquela colheita norte-americana. Mais importante, ainda, é a posição estatística do produto, que vem apresentando crescentes sobras como pode ser visto pelo exame do quadro II.

Nota-se que o pequeno aumento registrado no consumo mundial é mais do que coberto pela expansão do suprimento, daí resultando um crescimento firme dos estoques finais. Tais estoques, evidentemente, sobretudo os existentes nos E.U.A., tendem a exercer forte pressão sobre os preços internacionais do produto. Acresce notar, ainda, que esse aumento nos estoques está vindo de encontro a uma tendência de redução no volume do comércio mundial.

Convém salientar, entretanto, que os fatores depressivos acima apontados são de pouca importância quando cotejados com os possíveis rumos que os E.U.A., venham a tomar em relação ao enorme estoque de algodão que possuem. Na realidade, detêm eles o controle do preço do produto, retendo o estoque ou colocando-o no mercado internacional. Frise-se que grande parte desse estoque, (ou seja, cerca de 8 milhões de fardos), está em poder do Governo da quele país, o que, sob muitos aspectos, facilita a eventual exportação. O lançamento dessas sobras no mercado mundial implica, porém, numa grande série de graves consequências como por exemplo: abalo na economia de muitos países produtores, alguns dos quais, como o Paquistão, têm recebido auxílios econômicos norte-americanos; dificuldades para a indústria têxtil, inclusive a lanque; além das seríssimas repercussões na própria economia algodoeira dessa nação.

Do exposto, é razoável admitir-se que os E.U.A., preferiram, a uma política agressiva de vendas que iria tumultuar fundamentalmente a economia mundial do algodão, uma orientação prudente, visando manter em níveis mais ou menos estáveis os preços do produto, embora intensificando de maneira moderada a colocação de parte dos seus estoques por meio de facilidades de pagamento aos países importadores ou de outras providências.

Pode-se, assim, concluir que são mínimas as possibilidades de alta nos preços internacionais do algodão, sendo bastante provável, entretanto, que tais preços se mantenham em 1956 em tór no dos níveis atuais com tendência, talvez, de ligeiro declínio.

Essas conclusões autorizam a adotar os preços de garantia norte-americanos como referência para as bases de preços que devem ser asseguradas ao nosso algodão.

Até o momento, todavia, faltam muitos e importantes por menores sobre as bases de preços que deverão vigorar para a safra de 1956/57, nos Estados Unidos, pois, só em março de 56 é que se poderia conhece-las. Essa dificuldade, obriga à formulação e escolha da hipótese mais razoável, sem ser a mais otimista. Assim, admitiu-se que a base de preços a ser adotada, será 85% da paridade, sendo certo que essa porcentagem poderá variar entre 75 e 90%. Admitiu-se, ainda, que a paridade a vigorar seja a denominada "transitória" e que atinja em janeiro 33,44 "cents" por libra, que corresponderia a um preço de garantia igual a 28,42 para o "middling" 7/8 e a cerca de 30,32 "cents" por libra para o "middling" 15/16. Tal preço é bem inferior aos 33,50 "cents" por libra garantidos para esse mesmo algodão nesta safra. A base escolhida pode ser considerada bastante segura uma vez que, até aqui, não obstante as grandes produções registradas, o preço de garantia vem alcançando pequenos aumentos todos os anos.

Com esses valores, ir-se-á encontrar a seguinte correspondência de preços para o algodão de São Paulo: tomando-se o câmbio de Cr\$43,06 por dólar (3ª categoria de produtos exportáveis) ter-se-á, no Interior do Estado, aproximadamente Cr\$136,00 para a arrôba de algodão em caroço tipo regular. Esse preço é levemente superior ao que seria encontrado acrescentando-se aos Cr\$.. 80,00 por arrôba-base de preços para a última safra garantida, isto é, a de 1952/53-o aumento do índice do custo de vida registrado no período de agosto de 52 a junho de 1955. A consideração do aumento do custo de vida justifica-se por ser ele representativo da elevação do custo de produção, na falta de elementos mais precisos. Com esse critério, o preço mínimo seria de Cr\$... 132,00 por arrôba, um pouco menor portanto. Releva notar, ainda, que o preço médio recebido pelos lavradores, de março a julho da atual safra, atingiu a Cr\$ 136,20.

A base de preços mínimos a ser adotada para a safra de 1955/56, poderia, por conseguinte, ser a de Cr\$135,00 por arrôba de algodão em caroço tipo regular, no Interior do Estado.

É oportuno repetir o que já foi dito no ano passado, isto é, que apesar de ser matéria facultativa o estabelecimento de preços mínimos para esse produto, sua adoção apresenta grandes vantagens, tanto para os produtores, pela orientação que passam a ter, como para o Governo que, com essa definição, se torna mais independente em relação as eventuais medidas de emergência.

Milho

Os elevadíssimos preços que esse cereal vem alcançando no mercado interno, constituem sério obstáculo à fixação da base de preços a ser garantida. Com efeito, a escolha dum preço m

nimo criterioso irá fixar-se num valor bem inferior aos níveis atualmente alcançados pelo produto. Como é natural, isso tende a provocar protestos por parte dos produtores, que dificilmente demonstrarão receptividade às bases estabelecidas. Esse fato pode, no entanto, ser interpretado como motivo a mais em favor da adoção da diretriz fundamental já apontada na fixação de preços mínimos, isto é, de preços que visem, antes de mais nada, evitar que a renda bruta dos produtores sofra redução demasiada por ocasião das colheitas, em decorrência do aviltamento dos preços.

O mercado internacional do produto apresenta tendência de pequena queda, não obstante a modesta safra da Argentina, um dos principais exportadores mundiais do milho.

As cotações no mercado mundial variaram em agosto de 26 a 23 libras C.I.F. portos europeus por tonelada ou, ao câmbio de Cr\$ 50,06 por dólar entre Cr\$ 177,00 e Cr\$ 152,00 por saca, Fei Santos, E, assim, fácil de vêr que as perspectivas de exportação são muito pequenas em face do valor da nossa moeda, tendo-se em vista os atuais preços do mercado interno.

Apesar de existirem fortes probabilidades duma produção vultosa, no entanto, cabe assinalar que o Brasil é um exportador esporádico de milho, sendo relativamente pouco importantes as vendas desse produto para o Exterior, quando comparadas com o vulto do mercado interno. Isso justifica, ao menos em parte, o critério de se procurar atender precipuamente às condições desse último mercado.

Na base dessas considerações, julgamos razoável o preço de Cr\$ 125,00 por 60 quilos, ensacados e depositados em armazéns, no Interior do Estado. Tal preço corresponde á base por nós sugerida no ano passado de Cr\$ 110,00, acrescido do aumento no índice do custo de vida registrado nesse período (cerca de 15%), o qual, como já assinalamos foi aceito como representativo do aumento verificado no custo de produção. Esse preço corresponde á Cr\$ 168,00 posto Santos, próximo, portanto, dos preços internacionais, permitindo, pois, eventuais exportações, caso ocorram pequenas altas no mercado mundial.

ARROZ

As mesmas considerações feitas no caso do milho, aplicam-se a esse cereal, com as seguintes principais diferenças:

- 1º - O aumento na área a ser plantada será provavelmente menor que o esperado para o milho, uma vez que

as cotações do arroz se acham em níveis relativamente bem inferiores às daquele produto.

- 2º- As perspectivas referentes aos preços internacionais são muito incertas, dificultando qualquer previsão sobre as possibilidades de exportação. Como indicação, cumpre citar que o Rio Grande do Sul acaba de entabular negociações para exportar na base de 150 dólares por tonelada ou cerca de Cr\$450,00 por saca de 60 quilos.

Levando em conta o exposto e adotando-se o critério de acrescer as bases propostas para o ano passado da porcentagem verificada no aumento do índice do custo de vida, obter-se-á o preço de Cr\$ 245,00 para o produto em casca, ensacado e depositado em armazens do Interior do Estado. Em Santos, esse preço irá corresponder á Cr\$ 290,00 por saca de arroz em casca, grãos médios, dos tipos 1 e 2. Quanto ao arroz beneficiado, grãos médios do tipo 2, os preços corresponderão, respectivamente, a Cr\$ 400,00 no Interior do Estado e Cr\$ 455,00 pōsto Santos por saca de 60 quilos.

Amendoim

Não obstante o estímulo das geadas, muito provavelmente São Paulo não alcançará em 55/56, o volume de produção verificado no ano anterior, o qual assinalou o recorde absoluto de sua história. É que essa grande safra forçou a queda dos preços, provocando protestos dos meios produtores.

A tendência de safras crescentes que se pode observar nos últimos anos em São Paulo, entretanto, permite afirmar que os preços desse produto se têm mantido em níveis satisfatórios. Outro fato digno de registro é que os preços mínimos assegurados para o amendoim, se situam em níveis muito próximos dos preços do mercado, ao contrário do que ocorre com os demais produtos.

Essas considerações permitiriam sugerir menores aumentos para o amendoim em relação aos outros produtos. Sendo relativamente boa a situação atual do mercado mundial dessa oleaginosa com preços em redor de £ 52,00 por tonelada C.I.F. portos euro-peus ou aproximadamente Cr\$ 145,00 por 25 quilos em casca Fob Santos, permitindo portanto a exportação, o aumento de 15%, ao que tudo indica, não irá provocar distúrbios de monta em sua economia.

Justificada, assim, a adoção dessa porcentagem, iremos encontrar o preço de Cr\$ 100,00 por saca de 25 quilos em casca, ensacados e depositados em armazens do Interior do Estado. Em Santos, tal preço irá corresponder a Cr\$ 125,00 por igual volume.

Feijão

Tratando-se de cultura caracteristicamente de subsistência e feita em regime de consociação, êsse produto é, segundo foi assinalado em anos anteriores, pouco influenciado pela política de preços mínimos, mormente quando os preços do mercado se situam em níveis bem superiores aos mínimos, fato que, aliás, vem ocorrendo nestes últimos anos.

Dada, a importância econômica e alimentar desse produto, não encontramos maiores objeções ao aumento de 15% nas bases propostas para a colheita passada. Assim procedendo, iremos encontrar o preço de Cr\$ 190,00 por 60 quilos, para o feijão de cores, ensacado e posto armazem no Interior do Estado. O preço correspondente em Santos será de Cr\$ 240,00.

Soja

Perduram, ainda, os motivos da adoção dum preço- estímulo para êsse produto. Nota-se que os preços internos já são superiores aos preços internacionais.

Visando, portanto, ao estímulo á produção, acrescentaremos á base do preço mínimo anterior os 15% correspondentes à elevação do índice do custo de vida. Nessas condições ir-se-á obter o preço de Cr\$ 230,00 por 60 quilos nos armazens do Interior do Estado, equivalendo a Cr\$ 280,00 posto Santos.

MÃO DE OBRA NA AGRICULTURA PAULISTA

Em princípios de 1955, a Subdivisão de Economia Rural, pelo seu serviço de amostragem, executou um levantamento com o fim de conhecer a força de trabalho engajada nas atividades agrícolas do Estado de São Paulo.

O levantamento processou-se em fevereiro de 1955, partindo-se de uma amostra estatística estratificada de 1 450 propriedades previamente construída para fins de levantamentos da produção agrícola. Para tal pesquisa usou-se um questionário especialmente elaborado para o objetivo que se tinha em vista, o qual foi preenchido pelo agrônomo regional através de visitas diretas às propriedades abrangidas pela amostra. Foram, a seguir, devolvidos à Subdivisão de Economia Rural para serem apurados e analisados.

A partir da amostra, determinou-se o número total de trabalhadores e o número de trabalhadores em cada uma das seguintes classes: proprietários, colonos, parceiros, arrendatários e camaradas.

Quadro I

	Nºs totais de adultos(1)	% total de trabalhadores
Proprietários	360 000	25,90
Colonos	285 000	20,50
Arrendatários	215 000	15,50
Parceiros	225 000	16,20
Camaradas		
Diaristas	221 000	15,80
Mensalistas	86 000	6,10
Total	1 392 000	100 00

- (1) Os totais apresentados no quadro I representam trabalhadores adultos que dispõem de todo seu tempo às atividades agrícolas. Para chegar-se a esses resultados, as crianças com idade de 10 a 15 anos foram consideradas como adultos equivalentes e o número de mulheres que se dedicavam em tempo parcial a lides agrícolas, foi alterado de modo a terem-se trabalhadoras de tempo integral. As propriedades do Estado de São Paulo com menos de 3 hectares bem como todas aquelas do setor agrícola de Santos, não foram incluídas na amostra que forneceu os dados levantados para essa análise.

Os termos empregados para especificar esses grupos, correspondem às denominações comumente usadas em nosso meio para caracterizar os diversos tipos de trabalhadores que se dedicam à exploração agrícola. Assim é que colono se refere aos trabalhadores engajados no trato cultural e na colheita do café ou da cana mediante remuneração fixa em dinheiro e em espécie, estipulada por 1 000 pés tratados e saca colhida, no café, por hectare e tonelada, na cana.

Os empreiteiros que se dedicam a essas culturas, por representarem um grupo muito pequeno, foram incluídos entre os colonos.

Por parceiros e arrendatários, deve-se entender todos os trabalhadores que pagam aluguel pela terra onde trabalham mediante quantia previamente acertada, em produtos colhidos ou em dinheiro. Os camaradas compreendem todos aqueles que se encontram prestando serviço na base de salários diários ou mensais. Finalmente, a denominação de proprietário usada no inquerito indica os proprietários e pessoas de sua família que efetivamente se dedicam ao trabalho braçal agrícola. Nesse grupo não foram incluídos os proprietários que apenas administram suas propriedades.

Confronto com os dados do censo de 1950

Comparando-se o total de trabalhadores encontrados por este levantamento com os dados fornecidos pelo Censo de 1950 atualizado para o primeiro trimestre de 1955 de acordo com a taxa de crescimento e de emigração da agricultura, verifica-se conforme mostra o quadro II, que os resultados são praticamente iguais (1). Nota-se, também, que a força de trabalho constituída de elementos adultos determinada neste estudo (1 392 000 pessoas) equivale a 32% da atual população rural total do Estado

Quadro II		
	Levantamento por amostragem	Censo de 1950 atualizado para 1955
Trabalhadores adultos	1 392 000	1 336 800
População rural	-	4 334 507
Relação trabalhadores adultos-população rural		0,32

- (1) Essa diferença encontra explicação, possivelmente, no fato de a população rural e o número de pessoas engajadas nas atividades agrícolas em 1955, terem sido calculadas a partir do censo de 1950 com auxílio de uma taxa de crescimento e de emigração que não foi possível determinar-se com exatidão por falta de dados mais completos.

Posição dos trabalhadores não proprietários

Pelos números expostos no quadro I, vê-se que os proprietários concorrem com a maior percentagem da mão de obra do Estado, seguindo-se-lhes os camaradas, colonos, parceiros e arrendatários. Quando, porém, classificamos todos esses trabalhadores de acôrdo com seu estado em relação à terra que exploram e às pessoas a quem prestam serviço, encontramos resultados mais significativos que os anteriormente citados. Assim, examinando-se o quadro II, verifica-se que 42% da mão de obra total da agricultura paulista é assalariada; 32% fazem suas explorações em terras alugadas e apenas 26% dedicam-se a atividades agrícolas em terras próprias.

Quadro III

	Nº	%
Trabalhadores assalariados.....	592 000	42
Trabalhadores que exploram terras alugadas	440 000	32
Trabalhadores que exploram suas próprias terras.....	360 000	26
Total	1 392 000	100

Participação dos proprietários no trabalho agrícola

Outro aspecto da fôrça de trabalho agrícola do Estado considerada neste levantamento, é o das propriedades onde as atividades agrícolas são exercidas pelos proprietários e membros de sua família. A tabulação dos números relativos à essa questão foi feita de modo a ter-se o número de propriedades do Estado que são trabalhadas pelos proprietários por classe de tamanho. Os números alinhados no quadro IV mostram-nos essa situação.

Quadro IV
NÚMERO DE PROPRIEDADES

Tamanho Hectares	Em que os proprietários participam dos trabalhos	%	Em que os proprietários não participam dos trabalhos	%
3 a 10	20 363	44,5	25 375	55,5
10 a 30	53 151	65,6	27 874	44,4
30 a 100	41 014	61,7	25 425	38,3
100 a 300	11 145	45,5	13 366	54,5
300 a 1000	2 250	24,0	7 111	76,0
1000 a 3000	117	4,8	2 303	95,2
3000 a mais	10	1,8	563	98,2

Analisando-se os dados do quadro IV, nota-se que o número de proprietários que executam serviços em suas propriedades cresce na medida em que a área aumenta e que esse decréscimo se acentua a partir das propriedades com mais de 100 hectares, área a partir da qual os proprietários podem deixar de fazer trabalhos. Todavia, no grupo das propriedades de mais de 100 até 300 hectares (fazenda familiar) mais comum é o proprietário executar a dupla função de empresário e de fornecedor de mão de obra. É por isso que os números mostram que, de 24 000 propriedades, cerca de 11 000 ainda têm trabalhadores que são membros da família do proprietário. Nas grandes fazendas (200 hectares a mais) a regra é os proprietários funcionarem apenas como empresário, deixando o trabalho para seus assalariados ou parceiros. Esse tipo de empresa é bastante comum em nosso meio rural, devido principalmente à grande área das propriedades, relativa facilidade de mão de obra assalariada e sua baixa remuneração.

As grandes propriedades que ainda contam com o trabalho de seus proprietários, pertencem, provavelmente, a antigos colonos ou parceiros. Esses evoluíram economicamente e ascenderam à classe dos proprietários, embora ainda se mantenham afeitos aos trabalhos físicos e arraigados à terra, razão pela qual eles e os membros de suas famílias continuam concorrendo com o seu trabalho na exploração agrícola de suas propriedades, a despeito da grande área delas.

Provavelmente, e isso pode esperar-se embora não seja revelado neste estudo, grande maioria dos 1 032 000 trabalhadores das categorias de assalariados (colonos e camaradas), parceiros e arrendatários encontra-se prestando serviços nas propriedades com mais de 200 hectares, pois, na quase totalidade das pequenas (com menos de 200 hectares), com exceção das propriedades que se dedicam à exploração intensiva de frutas, legumes e verduras, os serviços são inteiramente executados pelos proprietários e suas famílias.

Quando se consultam as estatísticas de outros países de agricultura mais adiantada que a nossa, como a norte-americana e escandinava por exemplo, no concernente a esse assunto, nota-se que a situação é bem diferente. Assim, é que a grande maioria das propriedades são trabalhadas pelo proprietário e sua família; somente em certas épocas do ano, quando os serviços são mais intensos e prementes, um ou dois e no máximo três trabalhadores são solicitados a trabalhar em cada propriedade.

O fomento da racionalização de nossa agricultura pela introdução mais intensa de máquinas agrícolas, melhor preparo dos trabalhadores especializados, elevação dos salários rurais, ní-

veis de preço mínimo remunerador e tributação mais elevada das terras são alguns dos principais fatores que podem, nos próximos anos, contribuir para alterar profundamente o número dos trabalhadores dentro de cada uma das cinco classes citadas bem como para reduzir sensivelmente o número de assalariados e permitir que a maior porcentagem das áreas exploradas diretamente seja feita pelos proprietários.

* * *

EFEITOS DA GEADA SOBRE O CAFÉ

As geadas ocorridas nos primeiros dias de agosto causaram prejuízos à lavoura cafeeira do país. De modo geral, os danos foram muito elevados em algumas regiões, insignificantes e até nulos em outras.

Apresentamos, no quadro adiante reproduzido, as percentagens de cafeeiros atingidos nos diversos setores agrícolas do Estado de São Paulo. Esses dados baseiam-se em informações obtidas junto à Secção de Regiões Agrícolas da Secretaria da Agricultura, completadas por outras colhidas de elementos ligados às nossas associações de classe.

CAFEIROS ATINGIDOS PELA GEADA

ESTADO DE SÃO PAULO

SETORES	Número	% dos	Número	SETORES	Número	% dos	Número
	total	pés	de pés		total	pés	de pés
	em	atin-	atingi		em	atin-	atingi
	1000 pés	gidos	dos		1000 pés	gidos	dos
			1000 pés				1000 pés
Araçatuba	84 700	8	6 776	Lins	122 900	4	4 918
Araraquara	64 700	3	1 941	Lucélia	161 500	31	50 065
Avaré e Ourinhos	75 700	2	1 514	Marília	98 200	5	4 910
Bauru	78 600	3	2 358	Orlândia	35 200	-	-
Bebedouro	66 600	-	-	Paraguçu	44 600	28	12 488
Bragança	37 800	17	6 426	Piracicaba	10 800	49	8 232
Campinas	22 000	13	2 860	Piraçununga	10 900	7	763
Capital	500	-	-	Pres. Prudente	23 300	51	11 863
Catanduva	85 000	4	3 400	Ribeirão Preto	45 900	-	-
Franca	31 200	-	-	Santos	400	-	-
Itapeva	1 200	70	840	S.J. da Boa Vista	50 000	6	3 000
Itapetininga	3 000	58	1 740	S.J. do Rio Preto	-	-	-
Jad	90 900	-	-	e Fernandópolis	134 400	-	-
Jundiaí	10 300	27	2 781	Taubaté	-	-	-
				Lorena	5 400	4	216
Total	-	-	-		1 401 800	9	127 109

O número de cafeeiros atingidos é estimado em 127 109 000 pés, o que representa 9% do total do Estado. Nesse computo estão incluídos desde os superficialmente atingidos até os mais intensamente queimados, não havendo comprovantes para determinar as porcentagens relativas aos diferentes casos.

Os setores agrícolas que tiveram, em números absolutos, maior quantidade de plantas prejudicadas foram os de Lucélia, Paraguçu, Presidente Prudente, Piracicaba, Bragança e Araçatuba.

Em porcentagem, figura em primeiro lugar Itapeva, seguindo-se-lhe Itapetininga, Presidente Pudente, Piracicaba, Lucélia e Paraguaçu.

De acordo com as informações dos agrônomos regionais, as lavouras novas foram mais atingidas. Essas, além de possuírem menor resistência à geada, estão, em geral, situadas em locais mais expostos ao fenômeno.

A quebra de produção da próxima safra é, ainda, difícil de ser determinada. Em algumas poucas regiões espera-se uma redução até 80%; em outras, a quebra esperada será apenas de 10 a 15%.

A precipitação pluviométrica que ocorreu no mês de agosto veio influir favoravelmente na recuperação das culturas. As condições de clima dos próximos meses, todavia, é que deverão determinar se essa recuperação se efetuará com maior ou menor rapidez.

No Paraná, o efeito foi muito mais intenso que em São Paulo. Não se conhece uma estimativa oficial dos prejuízos. Através de informações individuais pode-se dizer que as zonas mais novas foram as mais prejudicadas. Em Mandaguari, Maringá, Campos de Mourão, Paranavaí, Cruzeiro do Sul e Apucarana foram atingidos dos cerca de 100% dos cafeeiros.

Nas regiões mais velhas, como Cambará, Jacarezinho, Bandeirantes e Cornélio Procopio, os efeitos foram menos intensos. Calcula-se que, nessa região, apenas 10 a 15% dos cafezais tenham sido atingidos pelas geadas.

Na zona intermediária, de Londrina, Cambé, Rolândia e Arapongas, foram atingidos cerca de 80% dos cafeeiros. Na direção norte desses municípios os prejuízos foram menores, tendo sido atingidas em Porecatú, Centenario e Florestópolis, entre outros, cerca de 50% das árvores.

É difícil, também, avaliar-se os efeitos dessa geada na safra futura do Paraná. Variam as estimativas dessa próxima safra entre 500 000 a 1 000 000 de sacas.

* * *

MERCADO DE CAFÉ

Situação geral dos negócios

Ocorreram, em agosto, modificações mais ou menos acentuadas nas cotações de café, tanto em Nova Iorque como nos mercados brasileiros, o que se pode observar pelos dados apresentados nos quadros I e II e em gráfico.

Quadro I

MERCADOS	MÊS DE AGOSTO DE 1955					
	Dia 1	Dia 31	Mínima	Máxima	Média	Média do mês anterior
A-SANTOS (Cr\$ 10 quilos)						
DISPONÍVEL						
Estilo Santos, tipo 4	420,00	422,50	420,00	433,50	426,25	397,25
TÉRMO DA BOLSA						
Contrato "D"						
Setembro	426,00	457,00	426,00	470,00	458,71	404,45
Dezembro	412,50	459,90	412,50	473,00	457,20	392,80
Jan. 56	406,50	463,90	406,50	473,50	454,98	388,47
Março 56	401,00	467,90	401,00	478,00	455,22	383,93
Maió 56	397,00	467,40	397,00	478,50	453,78	381,50
Julho 56	395,50	474,90	395,50	489,90	456,21	-
ENTREGAS DIRETAS						
Agosto	475,00	455,00	450,00	470,00	461,73	-
Set/Dez.	465,00	460,00	455,00	475,00	466,73	-
Jan/Jun 56	460,00	460,00	460,00	485,00	472,11	391,15
Jul./Dez. 56	465,00	470,00	465,00	495,00	481,73	378,27
B-NOVA IORQUE ("Cents"/libra-pêso)						
TÉRMO						
Contrato "S"						
Setembro	50,50	55,70	49,05	55,70	51,76	46,05
Dezembro	44,75	50,10	44,00	50,10	46,08	41,15
Março 56	41,30	44,80	41,25	45,30	42,97	38,64
Contrato "B"						
Maió 56	39,40	42,93	39,40	44,20	41,53	36,71
Julho 56	38,10	41,50	38,10	42,95	40,31	35,45
Contrato "M"						
Setembro	60,70	68,70	59,50	68,70	62,30	56,00
Dezembro	52,20	57,60	51,55	57,60	53,61	48,22
Março 56	47,50	51,45	46,15	51,45	48,93	44,05
Maió	45,68	50,15	45,25	50,21	47,55	41,45
Julho	44,40	48,85	44,40	49,00	46,71	-

Fontes: Associação Comercial de Santos e "Complete Coffe Coverage "

As geadas que atingiram duramente as regiões produtoras no Norte do Paraná nos dois últimos dias de julho e menos intensamente certas zonas de São Paulo nos dias 1 e 2 de agosto provocaram altas nos primeiros dias desse mês, principalmente no mercado de Santos, nas "entregas", em que chegou a haver ganhos, nos meses mais distantes, de Cr\$90,00 por 10 quilos, em quatro dias apenas. As cotações de café, no mercado de Santos, depois dessas altas, apresentaram-se mais estaveis, havendo nos derradeiros dias do mês pequenas quedas, ocasionadas pelo adiamento da reforma cambial. Esse fato, aliás, agiu como fator de alta no mercado a termo de Nova Iorque, nas segundas-feiras de 22 e 29 de agosto em que se registraram altas máximas de 200 pontos em todos os meses, não só em vista de não ter entrado em vigor nos fins de semana a anunciada alteração do nosso sistema cambial, como, também, porque os comunicados do Ministério da Fazenda adiantavam que a reforma ainda estava em estudos e que seria gradual.

Movimento de Negócios

Em agosto foram vendidas 616 747 sacas no disponível de Santos, em confronto com 591 841 do mês anterior, apresentando, portanto, movimento semelhante ao de julho.

O movimento no mercado de Entregas Diretas aumentou ainda mais, tendo alcançado 338 500 sacas, volume que não tinha sido atingido desde setembro de 1953. Em julho último haviam sido vendidas 224 250 sacas.

Quadro - II
COTAÇÕES MÉDIAS DO CAFÉ NO DISPONÍVEL

MERCADOS	1 9 5 5			1954
	Junho	Julho	Agosto	Agosto
NO BRASIL: Cr\$/ 10 quilos				
Estilo Santos, tipo 4	396,73	397,25	426,25	435,10
Paranaguá, tipo 4 mole	395,58	394,25	421,50	428,20
Rio, tipo 7	295,55	289,25	295,75	324,10
Vitória, tipo 7/8	217,53	211,75	217,75	274,60
NOS ESTADOS UNL. S				
a) "Cents" por libra-pêso				
Nova Iorque:Santos, tipo 4	57,05	54,33	58,55	81,58
Nova Iorque:Paraná, tipo 4	55,25	53,00	55,10	80,42
Nova Orleães:Rio, tipo 7	41,90	41,90	41,03	62,54
Nova Orleães:Vitória, tipo 7/8	35,40	34,70	32,88	55,83
b) Cr\$ por 10 quilos				
Nova Iorque:Santos, tipo 4	466,11	443,89	462,02	491,89
Nova Iorque:Paraná, tipo 4	457,12	433,02	450,18	484,90
Nova Orleães:Rio, tipo 7	342,33	342,33	335,22	379,71
Nova Orleães:Vitória, tipo 7/8	289,22	283,61	268,64	336,63

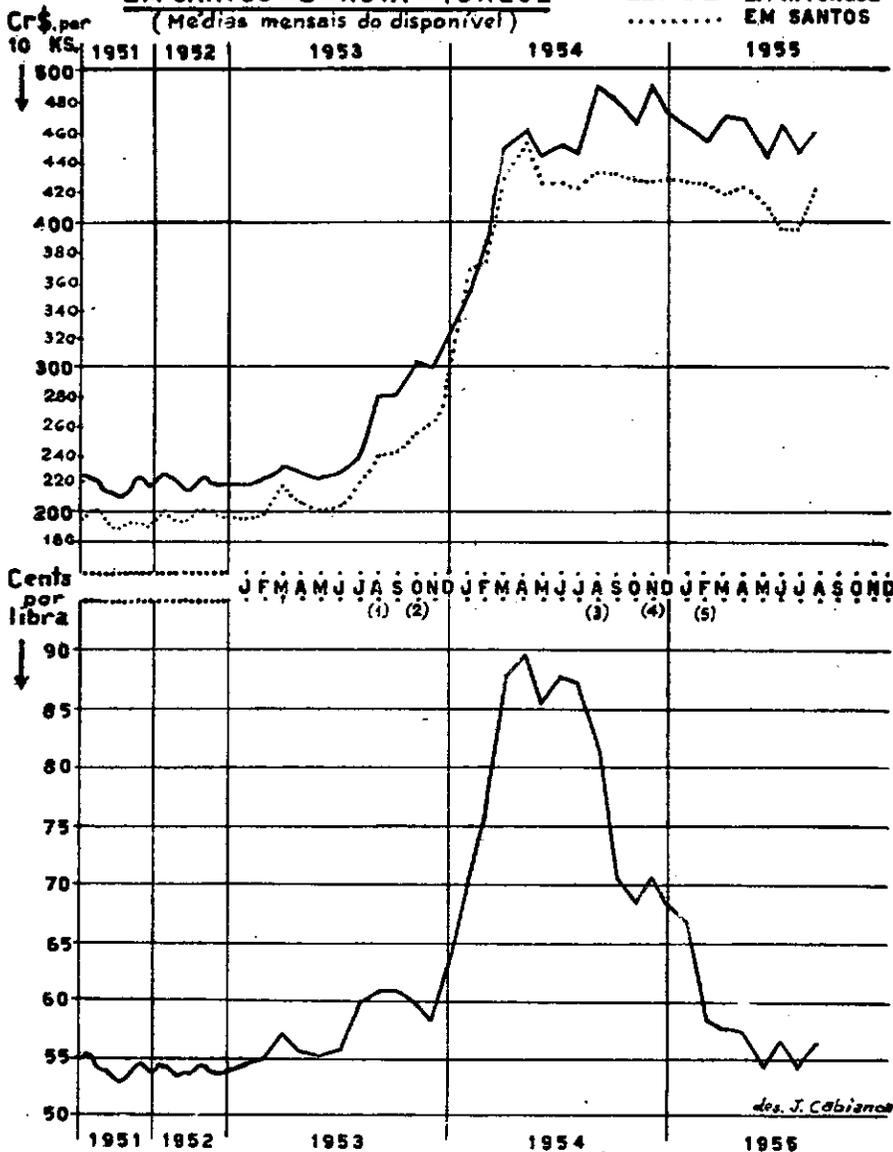
Fonte: I.B.C. e Bureau Pan-Americano do Café.

COTAÇÕES DO CAFÉ SANTOS, TIPO 4, EM SANTOS E NOVA IORQUE

(Médias mensais do disponível)

LEGENDA:

— EM N. IORQUE
..... EM SANTOS



NOTA: INSTRUÇÕES DA SUMOC: (1) 66 DE 8/8/53; (2) 70 DE 9/10/53;
(3) 99 DE 10/8/54; (4) 109 DE 12/11/54; (5) 114 DE 6/2/55.

des. J. Cabianes

Continua pequeno o montante de sacas negociadas no mercado a termo da Bolsa Oficial de Café, que foi de 29 500 sacas em agosto, das quais 27 500 no contrato "D" e o restante no "C"

Em Nova Iorque, intensificaram-se ainda mais os negócios, havendo sido vendidas 1 817 750 sacas no mercado a termo, das quais 1 088 750 nos contratos "S" e "B" (cafés brasileiros).

Pequeno aumento das exportações

Em agosto foram exportadas pelo Brasil 1 064 797 sacas, ou cerca de 100 mil a mais que a quantidade embarcada no mês precedente. Esse volume, embora o dobro do exportado em igual mês do ano anterior, época em que as nossas vendas para o Exterior foram reduzidíssimas, é bem menor que o embarcado no mesmo mês de anos anteriores, conforme se observa pelo quadro III. Revela ele também, que as nossas exportações nos oito primeiros meses do ano já são maiores que em analogo período do ano passado, sem em bargo de que menores em quase 1,6 milhões de sacas ao embarcado de janeiro a agosto de 1953.

Do total embarcado em agosto 634 714 sacas foram enviadas aos Estados Unidos, e delas 341 917 sacas embarcadas em Santos. Em julho, as nossas exportações para esse país atingiram apenas 497 868 sacas.

Quadro III
EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PARA O EXTERIOR
SACAS DE 60 QUILOS

MESES	BRASIL	SANTOS	RIO	PARANAGUÁ	VITÓRIA
Agosto 55	1 064 797	502 839	274 334	183 229	70 335
Julho 55	953 549	509 696	223 294	42 396	76 988
Junho 55	1 320 442	893 105	288 484	38 200	73 476
Agosto 54	518 284	200 718	179 333	61 009	68 922
Agosto 53	1 368 027	652 160	264 211	327 535	123 821
Agosto 52	1 468 117	830 089	215 736	364 161	49 541
Jul/Ag. 55	2 018 346	1 102 535	497 628	225 925	147 323
Jul/Ag. 54	1 144 243	521 907	321 580	127 249	158 763
Jul/Ag. 53	2 243 786	1 033 118	428 267	550 180	231 858
Jan/Ag. 55	7 209 095	4 137 790	1 873 365	456 021	547 678
Jan/Ag. 54	6 456 826	3 090 788	1 522 246	1 116 923	606 378
Jan/Ag. 53	8 793 767	4 421 735	1 579 740	2 178 722	530 612

Fonte : I. B. C.

Posição estatística no Brasil em 31/8/55

Apresentamos no quadro IV um resumo da situação estatística no fim de agosto último, comparada com períodos precedentes. Depreende-se desses dados que a disponibilidade de café em 31 de agosto era de 7,3 milhões de sacas (10,8 milhões se computarmos os estoques em poder do Governo Federal), em confronto com 6,8 e 4,6 milhões existentes respectivamente há um e dois anos. Se adicionarmos o café a registrar ter-se-á uma disponibilidade total, até o fim da safra, de 18,8 milhões (22 milhões com os estoques do Governo), no cotejo com 16 a 16,8 das três safras anteriores disponíveis nesse período.

Quadro IV
 POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 31 DE AGOSTO
 SAFRAS DE 1952/53 a 1955/56
 SACAS DE 60 QUILOS

	1952/53	S A P 1953/54	R A S 1954/55	1955/56
I-SALDO VERIFICADO EM 30/6				
A liberar	486 146	68 738	14 651	66 110
Estoque nos portos	2 456 212	3 235 950	3 304 594	3 238 927
Total	2 952 358	3 304 688	3 319 245	3 305 037*
II-CAFÉ REGISTRADO DE JULHO A AGOSTO				
Café de safras anteriores	56 610	67 428	25 461	9 000
Café da safra em curso	5 188 313	3 639 218	4 786 399	6 200 783
Total	5 244 923	3 706 646	4 811 860	6 209 783
Total I + II	8 197 281	7 010 734	8 131 105	9 514 820
III-CONSUMO DE JULHO A AGOSTO				
Exportação para o Exterior	2 540 793	2 243 786	1 144 243	2 018 346
Comércio de cabotagem	53 753	93 856	59 562	105 460
Consumo nos portos	77 023	77 023	77 405	66 000
Total	2 671 569	2 414 665	1 281 210	2 189 806
IV-DISPONIBILIDADE EM 31/8	5 525 712	4 596 069	6 849 895	7 325 014*
V-CAFÉ A REGISTRAR	10 841 312	11 474 403	9 709 979	11 499 217(1)
VI-DISPONIBILIDADE ATÉ 30/6	16 367 024	16 070 472	16 559 874	18 824 231*(1)

Quadro elaborado com dados do I.B.C.

* Nos totais assinalados não está incluído o estoque, atualmente fóra do mercado, de ... 3 210 761 sacas em poder do Governo Federal. Se computados os totais I, IV e VI da safra de 1955/56 passariam respectivamente a 8 515 798, 10 535 775 e 22 034 992 sacas de 60 quilos.

(1) Estimando-se a safra de 1955/56 em 17,7 milhões de sacas.

Preços e despachos de café no Interior

Em consequência dos fatores apontados - geadas e expectativa de aumentos nos preços em cruzeiros, devido à reforma cambial - registraram-se altas nas cotações de café no Interior do Estado. Em agosto, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$718,10 por saca de 40 quilos de café em côco (Cr\$616,70 em julho último) e de Cr\$ 2 249,90 para a saca de 60 quilos de café beneficiado (Cr\$ 2 020,30 em julho).

Em agosto, segundo dados da Superintendência dos Serviços de Café, foram despachadas no Interior com destino aos portos de exportação 2 565 493 sacas que, somadas aos despachos de julho, dão, para esses dois primeiros meses da safra, o total de 4 686 394 sacas, pouco mais que as 4 617 149 despachadas em idêntico período de 1954.

Do total despachado no interior de São Paulo a maior parte é constituída de cafés comuns, isto é, cafés que não gozam de preferências na liberação. Isso, porque, de acordo com o atual regulamento de embarque, os cafés que preencham certos requisitos, principalmente de tipo não inferior a 3/4, não têm preferência na liberação. Nessa categoria, só foram despachados nesses dois primeiros meses de safra 289 032 sacas, cerca de 6% do total embarcado no interior do Estado. Nesse mesmo período foram, também, despachados para os portos cafeeiros 10 503 sacas de cafés despulpados, que não estão sujeitos a nenhuma espera.

É oportuno frisar que, de 253 166 sacas de cafés de Minas Gerais mandados para Santos, 108 181 eram de cafés preferenciais.

* * *

MERCADO DE ALGODÃO

As cotações de algodão, no mercado internacional, sofrem quedas no início do mês, devido à incerteza da política algodoeira norte-americana e, também, à expectativa de maior produção nos Estados Unidos. Isso, aliás, foi confirmado com a publicação da 2ª estimativa do Departamento de Agricultura, a qual prevê uma produção de 12,9 milhões de fardos para a atual safra, mais de 200 mil fardos que a previsão de um mês atrás.

Na segunda quinzena do mês, com a definição da política de exportação norte-americana, notou-se melhoria no nível das cotações nos mercados de Nova Iorque e Liverpool, principalmente

Quadro I

COTAÇÕES DE ALGODÃO EM PLUMA		MÊS DE AGOSTO DE 1955				
M E R C A D O S	Dia 1	Dia 31	Mínima	Máxima	Média	Média do mês anterior
A- SÃO PAULO (Cr\$ / 15kg)						
DISPONÍVEL						
Tipo 5	505,00	495,00	495,00	505,00	504,09	498,50
TÉRMO						
Contrato Nacional						
Outubro	510,75	487,50	487,50	513,00	506,18	512,10
Dezembro	532,50	514,50	514,50	535,50	529,97	531,80
Março 56	549,75	528,00	528,00	552,00	545,37	545,18
Maio 56	521,25	501,00	501,00	528,00	519,49	515,51
Julho 56	520,50	497,25	497,25	528,75	518,63	512,15
B- NOVA IORQUE ("cents" por libra-pêso)						
DISPONÍVEL						
"Middling"	34,65	34,40	34,35	34,80	34,53	34,61
TÉRMO						
Outubro	33,68	33,70	33,57	33,97	33,77	33,85
Dezembro	34,15	33,60	33,60	34,15	33,83	34,06
Março 56	34,09	33,29	33,20	34,09	33,61	34,03
Maio	34,22	33,31	33,24	34,22	33,70	34,20
Julho	33,70	32,84	32,77	33,70	33,15	33,68
Outubro	33,32	32,50	32,35	32,68	32,68	33,45
Dezembro	33,22	32,42	32,31	33,24	32,80	33,14
C- LIVERPOOL ("pences" por libra-pêso)						
DISPONÍVEL						
"Good Middling"	31,75	31,75	31,75	31,75	31,75	31,27
TÉRMO						
Out/Nov.	31,02	31,40	29,70	31,50	31,01	30,32
Dez/Jan.	30,36	30,72	29,00	30,73	30,18	29,82
Mar/Abr.	29,98	29,00	28,50	29,98	28,99	29,81
Maio/Jun.	29,73	28,61	28,15	29,73	28,67	29,66
Jul/Ag.	29,42	28,30	27,86	29,42	28,38	-

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo

nos meses mais próximos. Os meses mais distantes continuaram a refletir as condições desfavoráveis de uma oferta maior que a procura.

No mercado de São Paulo, esses fatores não atuaram decisivamente, pois, as cotações mantiveram-se nos níveis altos vigentes desde o mês passado, refletindo esperanças de mudanças na nossa política cambial. Depois do dia 27, no entanto, com a publicação de um comunicado do Ministério da Fazenda, anunciando estar a reforma ainda em estudos, registraram-se quedas mais ou menos acentuadas nas cotações.

Definição da política algodoeira americana

Finalmente, em 13 de agosto, foi dada a público uma declaração oficial norte-americana sobre os rumos da política de exportação de algodão. Por esse comunicado os estoques em poder da "Commodity Credit Corporation", órgão que recebe algodão de acordo com a lei de garantia de preços, não podem ser vendidos a preços inferiores aos do mercado interno ou a 105% do nível de garantia acrescido de despesas de armazenagem, que variarão de 10 pontos em outubro próximo, a 145 em julho, 56, aumentando 15 pontos por mês. Essa política elimina a possibilidade de uma venda agressiva no mercado mundial, dos elevados estoques em poder do governo norte-americano. Todavia, esclarece aquela comunicação que, após 1º de janeiro de 1956, comercializada a maior parte da atual colheita norte-americana, poderá ser vendido a preços competitivos até 1 milhão de fardos de algodão de baixa qualidade que faz parte do estoque da C.C.C. Embora não sejam discriminados os tipos que se enquadram nessa categoria, acentuou-se que essas vendas somente são feitas em ocasião e quantidades tais que não perturbem os programas normais de comercialização.

Movimento de negócios em São Paulo

Embora apresentando ligeiro aumento em relação a julho, os negócios a termo na Bolsa de Mercadorias de São Paulo continuam em escala inferior à dos meses anteriores. Foram vendidos, em agosto, 339 contratos num total de 226 mil arrôbas, em cotejo com 265 contratos negociados no mês precedente e cerca de 700 que vinham sendo vendidos em média nos seis primeiros meses do ano. No último dia de agosto, a posição em aberto era de 372 mil arrôbas, pouco mais que no começo do mês, quando atingiu a 368 667 arrôbas

Exportação para o Exterior

No quadro II, apresentamos dados sobre a exportação de algodão em pluma por Santos, em agosto, nos meses e anos anteriores. Observa-se que, segundo dados preliminares, foram embarcados em agosto, pelo porto paulista, pouco mais de 15 mil toneladas, alcançando a 88 615 o total embarcado nos oito primeiros meses deste ano.

Quadro II

EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO EM PLUMA PARA O EXTERIOR
PELO PORTO DE SANTOS
TONELADAS

	1952	1953	1954	1955
Agosto	1 455	9 632	22 240	15 361 *
Julho	2 865	12 480	30 324	15 984
Junho	6 341	3 343	27 833	16 714
Janeiro a agosto	22 839	43 982	204 785	88 615 *
Março a agosto	18 137	40 591	156 801	68 304 *

* Dados preliminares

Fonte: L.Figueiredo S/A e Bolsa de Mercadorias

Algodão em pluma classificado

Em agosto, foram classificadas pela Bolsa de Mercadorias 24 482 toneladas de algodão em pluma, elevando o total classificado na atual safra a 218 561 toneladas. Em igual época de 1954 tinham sido classificadas 210 962 toneladas.

Na atual safra predominam os tipos inferiores, havendo apenas 15,3% de algodão classificado como tipo 5 ou melhor, enquanto na safra passada essa percentagem atingia a 47,5%.

Algodão em caroço: preços e entradas nas máquinas

Em agosto, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$ 136,50 por arroba de algodão em caroço, praticamente ao do mês anterior.

Continuam diminuindo substancialmente as entregas de algodão em caroço nas usinas de benefício. Assim, em agosto, foram entregues 35 357 toneladas, mais da metade que em julho.

Quadro III
RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO RECEBIDO PELAS
USINAS DE BENEFICIAMENTO-SAFRA DE 1954/55
TONELADAS

Zonas de Fiscalização	Em Agosto	Março a Agosto	Zonas de Fiscalização	Em Agosto	Março a Agosto
Araçatuba	5 748	109 515	Fernandopolis	2 565	37 843
Araraquara	151	9 528	Lucélia	3 228	63 222
Avaré	320	10 425	Marília	2 067	60 367
Bauru	367	7 669	Paraguaçu	3 783	44 320
Bebedouro	219	17 339	Piraçununga	319	13 859
Campinas	150	12 046	Pres. Prudente	11 646	186 660
Catanduva	1 348	30 981	Rib. Preto	<u>3 446</u>	<u>48 553</u>
Total de todo o Estado				35 357	652 327

Fonte: Divisão de Economia Rural

Com essa entrada, o total já recebido elevou-se a 652 327 toneladas, ou seja 35 305 a mais que em igual período do ano anterior.

* * *

MERCADO DE CEREAIS

Milho

Continuam a registrar-se altas acentuadas nas cotações de milho em São Paulo. A cotação média, em agosto, para o amarelinho, foi de Cr\$252,89 por sacco de 60 quilos - perto de Cr\$40,00 a mais que em julho (veja quadro I). Nos últimos dias do mês, o milho chegou a ser cotado a Cr\$280,00 por sacco no mercado disponível de São Paulo. No Interior, nota-se, igualmente, avanços nas cotações; em agosto, o preço médio recebido pelos lavradores alcançou Cr\$203,50 por sacco.

No transcorrer do mês não se assinalou nenhum negócio no mercado a termo desse cereal.

Arroz

Enquanto no Interior já se verificam altas há dois meses nos preços de arroz, notou-se, na capital, elevação em algumas variedades, conforme pode observar-se pelos dados do quadro I. No Interior, o preço médio do arroz em casca foi, em agosto de Cr\$369,80 por sacco de 60 quilos, enquanto o do arroz beneficiado atingiu a Cr\$598,60 por sacco de 60 quilos.

Quadro I

COTAÇÕES MÉDIAS DE CEREAIS EM SÃO PAULO
NÃO DISPONÍVEL - Cr\$ POR 60 QUILOS

	1 Junho	9 Julho	5 Agosto	5 1954 Agosto
MILHO				
Amarelinho	216,80	214,31	252,89	112,62
Amarelo	216,88	213,83	252,63	105,51
Amarelão	215,24	213,44	252,20	98,79
ARROZ BENEFICIADO				
Amarelão, especial	717,96	711,66	725,75	795,71
Agulha, especial	644,02	640,00	626,86	Nom.
Blue Rose, especial	527,22	523,28	526,51	556,53
Catete, especial	499,11	494,00	479,47	526,10
3/4 arroz	348,57	360,20	364,21	430,00
1/2 arroz	208,71	224,32	230,01	304,55

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo

SITUAÇÃO DA LAVOURA

Tempo

Nos primeiros dias do mês registrou-se violenta queda de temperatura, tendo geado em grande parte do Estado. Essas geadas ocasionaram prejuízos variáveis às lavouras de café, cana, mandioca, mamona, melancia, pomares, hortaliças, bananeiras e pastagens.

A maior parte do mês decorreu sem chuvas, o que tornou grande o perigo do fogo nas pastagens ressequidas.

A precipitação pluviométrica do mês atingiu a média de

Médias das precipitações pluviométricas nos setores agrícolas (mm)

SETORES	1 9 5 5 (2)			Médias de anos anteriores(1)		
	Junho	Julho	Agosto	Junho	Julho	Agosto
Araçatuba	38,1	5,3	25,8	40,0	27,0	29,0
Araraquara	28,8	0,8	-	33,0	15,4	17,6
Avaré e Ourinhos	48,0	43,8	92,1	53,5	30,6	30,6
Bauru	70,2	26,6	49,4	52,0	20,3	31,6
Bebedouro	13,4	0,0	7,9	28,6	14,0	14,6
Bragança	-	7,6	85,7	49,6	32,0	45,3
Campinas	23,4	12,3	81,2	40,3	17,0	33,0
Capital	16,2	-	97,5	68,9	56,2	68,4
Catanduva	17,6	0,0	22,4	33,6	12,0	17,0
Franca	26,1	0,0	-	25,5	14,0	17,2
Itapetininga e Itapeva	57,7	74,3	105,7	51,2	31,0	37,0
Jadé	47,2	6,2	68,5	48,2	19,1	24,7
Jundiaí	21,0	20,9	112,6	42,3	31,6	36,6
Lins	31,8	2,2	44,1	39,0	17,7	7,0
Marília e Lucélia	57,1	27,5	47,2	63,0	30,6	10,6
Orlândia	32,0	0,0	0,0	11,0	9,0	6,0
Paraguacu	48,2	26,6	60,0	61,0	35,0	42,5
Piracicaba	26,1	5,6	97,7	42,1	19,3	19,3
Piraquununga	25,1	1,3	-	27,1	15,5	19,5
Presidente Prudente	45,4	27,9	49,8	52,0	34,5	42,5
Ribeirão Preto	19,2	0,0	20,6	29,6	17,3	22,0
Santos	106,8	73,0	77,1	121,7	95,5	22,1
S.J.da Boa Vista	39,6	0,0	33,6	29,4	14,7	105,5
S.J.do Rio Preto	20,3	0,0	-	18,0	7,0	22,0
Taubaté e Lorena	42,8	27,0	48,5	47,2	39,5	41,4
Média do Estado	37,6	18,2	61,4	44,3	26,2	30,7

(1) Média em número variável de Municípios de cada setor. O período de observação nos seus Municípios variou de 4 a 57 anos.

(2) Dados fornecidos mensalmente pelos agrônomos regionais.

61,4 mm, bem mais elevada que a do mês anterior (18,2 mm. em julho) e que a média do mês de agosto em anos anteriores (30,7 mm.). Quanto à distribuição, foi má, pois, concentrou-se nos últimos dias do mês. As chuvas, porém, beneficiaram as culturas.

No setor agrícola de Orlândia o tempo decorreu completamente seco durante todo o mês, com prejuízos para as lavouras.

Café

As geadas ocorridas nos quatro primeiros dias de outubro causaram prejuízos aos cafezais em diversos setores. As lavouras novas foram as mais afetadas. O efeito da geada sobre os cafezais nas diferentes regiões do Estado acha-se focalizado em outro artigo deste Boletim.

No fim do mês a colheita aproximava-se do seu término na maioria das regiões agrícolas, estando encerrada em outras. A seca reinante na maior parte do mês facilitou essa operação. Por outro lado, as chuvas caídas no fim do mês facilitaram a esparramação do cisco. O aspecto vegetativo das plantas, que não era bom, em virtude da colheita e da seca, também melhorou.

Além da esparramação, outros tratamentos culturais realizados foram desbrotações, aberturas de covas para replantes e início de adubações químicas e orgânicas.

O rendimento de benefício do café tem variado de 17 a 20 kg por saca de 40 kg em cisco.

Algodão

Foram realizadas em agosto as últimas catações nas lavouras cujas colheitas estavam mais atrasadas.

Prosseguiu o arrancamento e queima das soqueiras; essas operações já estão terminadas em muitas regiões.

Com a ocorrência de chuvas nos últimos dias do mês, intensificou-se o preparo do solo para o próximo plantio; prevêem os agrônomos regionais grande aumento de área, que deverá superar em mais de 20% a da safra de 1954/55.

Arroz

Prosseguiu o preparo do solo para o próximo plantio.

Esse trabalho foi facilitado pelas chuvas caídas no fim do mês.

Quanto à área de plantio, deverá aumentar em algumas regiões e diminuir em outras, sendo ainda cedo para tirar-se uma conclusão do resultado final.

Milho

Concluída a colheita, estão os lavradores preparando a terra para o plantio do novo ano agrícola. As chuvas dos últimos dias do mês serviram para impulsionar esse trabalho.

Em virtude dos altos preços alcançados e da escassez do produto em muitas regiões, espera-se grande aumento na área a ser cultivada com esse cereal.

A procura de sementes selecionadas tem sido grande e alguns lavradores já realizaram o plantio, para aproveitar as últimas chuvas.

Amendoim

Segundo se depreende dos relatórios dos agrônomos regionais, deverá haver decréscimo na área da safra das ag^{ua}s de^{sa} oleaginosa, em relação à do ano anterior. O atual nível de preços do produto não tem estimulado os lavradores, fazendo-os optar por outras culturas, tais como milho e algodão.

Em algumas regiões já foi iniciado o plantio.

Cana de açúcar

A cultura canavieira, em fase de corte, foi muito atingida pelas geadas de agosto.

No setor agrícola de Piracicaba, a maior parte das lavouras sofreu seus efeitos. Na região-sede, 80% das culturas ainda por cortar foram atingidas; em Limeira, esse índice subiu a 70%, em Santa Barbara a quase 100% e em Rio Claro a 60%. Espera-se, em consequência, quebra no rendimento agrícola. Esse, porém, não deverá ser muito elevado, pois, o efeito da geada fez-se sentir mais na parte superior da folhagem. Assim, por exemplo, esperava-se que a quebra na região de Piracicaba seja de 10 a 15% em

relação à estimativa anterior.

Nos setores agrícolas de Campinas e Paraguaçu, os estragos foram, também, elevados. Nos demais setores os prejuízos totais foram menores, ou por não constituírem zonas canavieiras ou porque as geadas foram mais fracas.

Nas lavouras atingidas pela geada o corte foi acelerado, até nas incompletamente maduras, a fim de evitar a inversão da sacarose e consequente redução de rendimento na fabricação do açúcar.

Devido às últimas chuvas o prejuízo poderá aumentar, pois, a brotação das plantas dar-se-á a expensas de suas reservas, ou seja, com a inversão da sacarose. As lavouras novas, que serão cortadas no próximo ano, poderão recuperar-se totalmente se o tempo correr favorável.

Batatinha

Está praticamente terminada a colheita no setor agrícola de Presidente Prudente. O rendimento e a qualidade do produto têm sido muito bons. A cultura não foi atingida pelas geadas, pois, estava no fim do ciclo vegetativo quando essas ocorreram.

As geadas causaram prejuízos em lavouras dos setores agrícolas de São João da Boa Vista, Piracicaba, Itapeva e Itapetininga.

Banana

No litoral, onde se localiza a maioria dos nossos bananais, as culturas foram parcialmente prejudicadas pelas geadas nos dias 1 e 3 de agosto.

No setor agrícola de Santos, foram atingidas 3 428 500 touceiras, o que representa 11,4% do total ali existente. Dessas, 300 000 touceiras são consideradas perdidas, devendo ser replantadas. Nas restantes deverá ocorrer uma quebra de produção por alguns meses.

Na região agrícola de São Sebastião (Setor de Taubaté) foram seriamente atingidas 290 000 touceiras; com menor intensidade foi atingido um número bem maior.

Nas zonas do Interior em que houve formação de geada, essa cultura foi, também, alcançada.

Laranja

As geadas prejudicaram muitos pomares, especialmente aqueles em formação.

Em Limeira, certas culturas plantadas em 1954, chegaram a sofrer 60% de perdas. Nos viveiros os prejuízos foram maiores, registrando-se a morte de milhares de mudas.

A colheita prosseguiu no mês de agosto, sobretudo da variedade Pêra.

Melância

Nas regiões agrícolas de Piracicaba, São Pedro, Capivari e Americana, onde havia área mais ou menos ponderável ocupada por essa cultura, foram grandes os prejuízos ocasionados pelas geadas, que destruíram a quase totalidade dela.

Muitos lavradres semearam novamente no mesmo local, a fim de recuperarem os danos sofridos.

Em São Pedro, 80% das culturas atingidas brotaram de novo, apresentando no momento ótimo aspecto.

Uva

Durante o mês procedeu-se à poda nos vinhedos.

O abaixamento de temperatura ocorrido no início do mês beneficiou as culturas, pois, paralizou a brotação extemporânea que se verificava.

No dia 27 houve queda de granizo em Jundiá, ocasionando estragos nas plantas enxertadas (vinhedos novos), que estavam com a brotação adiantada.

* * *

 SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Pastagens

As invernações, que se encontravam em fase aguda de ressecamento, quer devido à estiagem que se vem manifestando, quer em virtude das geadas ocorridas no início do mês, foram ainda mais castigadas pela ação do fogo, que se alastrava em grandes extensões, principalmente na região Noroeste do Estado. Em consequência, grande tem sido a procura de torta de algodão pelos pecuaristas, a fim de manter o rebanho pelo menos em regular estado de carne. Chuvas caídas nos últimos dias de agosto, em diversos pontos, vieram minorar um pouco a situação.

Gado de corte

O panorama referente ao rebanho de corte não ofereceu modificações ao já descrito no mês passado. Apenas no setor de Presidente Prudente observou-se regular entrada de gado magro, lotando as pastarias dessa região. Mantém-se alto o preço do gado magro e o estado de carne das reses que seguem para os pontos de abate é, também, regular. Nada a assinalar quanto ao estado sanitário, que é bom.

No mês de agosto, os principais frigoríficos do Estado abateram os seguintes números de cabeças:

Frigorífico	Boi	Vaca	Vitelo	Total	Janeiro
					Agosto
Armour	14 336	1 169	402	15 907	159 327
Wilson	15 418	1 665	265	17 348	167 255
Anglo	9 652	209	-	9 861	142 021
Swift	9 686	-	710	10 396	102 949
S. Amaro	2 377	7	210	2 594	37 164
Total	51 469	3 050	1 587	56 106	608 716

O abate durante o mês de agosto foi Cr\$ 9 325 cabeças menor que o do mês anterior e isso é natural neste período de entre-safra, cujo abastecimento se completa com carne congelada.

Cotação: (Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo-Preço de compra até 30/9 , p̄sto frigorífico por arrôba)

Frigorífico Armour S/A		Frigorífico Wilson do Brasil S/A.	
Bois de consumo Cr\$	330,00	Novilhos gordos	Cr\$ 350,00
Vacas gordas	295,00	Vacas gordas	320,00
Carreiros gordos	280,00	Torunos gordos	320,00
Gado tipo conserva	240,00	Carreiros gordos	320,00
Torunos gordos	295,00	Gado tipo conserva	240,00
Vitelo gordo	270,00	Vitelo gordo	270,00

Gado de leite

A precariedade dos pastos, decorrente das condições climáticas desfavoráveis ocorridas durante o mês, influiu decisivamente na produção leiteira, que diminuiu de volume. Apesar das providências tomadas pelos órgãos competentes, entre elas a distribuição regular e aumentada da torta de algodão, não se conseguiu manter uma produção razoável. Alguns fazendeiros estão interessados na construção de silos do tipo trincheira e procurando outros alimentos que substituam o "verde" na época seca do ano.

Suinocultura

Ainda reina o desinteresse pela exploração, em virtude do fator limitante da criação que é o preço do milho.

A matança nos frigoríficos durante o mês assim se apresentou:

Frigorífico	Armour	Wilson	Swift	S.Amaro	Total	Janeiro a agosto
Nº de porcos abatidos	-	5 626	6 805	1 247	13 678	92 026

Cotação: (Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo-Preço de compra até 30/9 p̄sto frigorífico)

Frigorífico Armour S/A		Frigorífico Wilson do Brasil S/A.	
Suíno gordo, média de 75kg		Suíno gordo, média de 80 kg	
Cr\$ 400,00	a arrôba.	Cr\$ 380,00	a arrôba.

* * *

SITUAÇÃO DA AVICULTURA

No Interior

Registrou-se durante o mês grande aumento na postura das galinhas e conseqüente declínio nos preços de ovos.

A quantidade de resíduos de trigo distribuída aos agricultores foi, na maioria das regiões, suficiente para atender às necessidades.

O estado sanitário dos plantéis é, de modo geral, ótimo, mas avicultores de Assis queixam-se de alguns fornecedores de pintos de um dia, que estariam vendendo aves atacadas de pulrose.

Mercado da Capital

Aves: Os preços de frangos e galinhas por cabeça e por quilo abatido, apresentaram alta no mercado atacadista. No varejo, continuam inalterados.

Ovos: O preço médio ponderado, por dúzia, baixou de Cr\$21,24 para Cr\$16,60 (redução de 21,8%). No varejo, o preço decresceu de Cr\$30,00 em julho para Cr\$21,00 em agosto, o que representa uma queda de 30%, maior, portanto, que a verificada no atacado, compensando, assim, o fenômeno ocorrido no mês anterior, em que houve baixa no atacado e alta no preço de varejo.

Conforme se verifica no quadro que apresenta o ciclo dos preços de ovos no varejo em números índices, o índice 95, de mês de agosto (janeiro = 100) coincide com o do ano passado e o da média de 1949/54, para o mesmo mês.

CICLO DOS PREÇOS DE OVOS NO VAREJO (Em números índices)

Janeiro = 100

	Jan.	Fev.	Março	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1949/54:	100	113	123	126	132	132	124	95	92	94	95	99
1954:	100	105	116	126	137	121	131	95	89	95	89	95
1955:	100	109	123	123	127	127	136	95	-	-	-	-

PREÇOS MÉDIOS PONDERADOS DE AVES, OVOS E RAÇÕES

	Agosto 1955	Julho 1955		
1- AVES				
ATACADO				
Francos e galinhas (p/cabeça)	Cr\$ 39,40	Cr\$ 38,40		
Frangos (p/kg abatido)	49,60	48,20		
Galinhas (p/kg abatido)	40,20	39,40		
Perus (p/kg abatido)				
De 2 a 4 kg	39,00	-		
" 4 " 5 "	52,00	-		
" 5 " 6 "	60,00	-		
Acima de 6 kg.	70,00	-		
Pintos de 1 dia				
New Hampshire				
Mistos	8,50	8,50		
Machos	6,70	6,70		
Fêmeas	15,00	15,00		
Leghorn				
Mistos	8,50	8,50		
Machos	1,10	1,10		
Fêmeas	15,00	15,00		
VAREJO				
Frangos (p/cabeça)	70,00	70,00		
Galinhas (p/cabeça)	70,00	70,00		
2- OVOS (Preço por dúzia)				
ATACADO	16,60	21,24		
VAREJO	21,00	30,00		
COTAÇÕES				
(Ovos de granja-caixa de 30 dúzias)	Casca Branca	Casca Vermelha	Casca Branca	Casca Vermelha
Tipos				
Especial	550,00	570,00	727,00	747,00
A	531,00	551,00	707,00	727,00
B	514,00	514,00	686,00	686,00
C	472,00	472,00	656,00	656,00
D	432,00	432,00	641,00	641,00
3- RAÇÕES				
(Posto São Paulo p/kg)	Mínima	Máxima	Mínima	Máxima
P/pintos de 1 a 30 dias	3,64	4,40	3,90	4,40
" " 30 a 90 "	3,64	3,95	3,90	3,95
Frangos até postura	3,40	3,90	3,70	3,90
Postura	3,60	3,80	3,70	3,86
Reprodução	3,96	4,00	3,96	4,00
Farelo de trigo (saco de 30 kg)	-	32,00	-	32,00
Farelinho de trigo (saco de 30 kg)	-	34,00	-	34,00

Fontes: Levantamentos realizados pela Subdivisão de Economia Rural na Capital do Estado. Preços de varejo: Prefeitura Municipal de São Paulo.

As vendas das maiores cooperativas e da Avisco passaram de 984 360 dúzias em julho, para 1 353 383 dúzias em agosto. Esse acréscimo, de 37,5%, foi motivado pelo aumento de procura que ocorre normalmente no mês, seguindo-se recuo de preços. Em relação ao mês de janeiro, conforme se depreende do quadro que apresenta essas vendas em números índices, o aumento foi bem maior que o ocorrido em 1954 e na média de 1949/54.

MOVIMENTO DAS VENDAS DE OVOS DAS COOPERATIVAS

(Em números índices)

Janeiro = 100

	Jan.	Fev.	Março	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ag	Set.	Out.	Nov.	Dez
1949/54:	100	80	90	83	83	79	94	120	118	138	130	125
1954:	100	92	95	82	90	71	89	120	116	125	128	138
1955:	100	89	97	91	94	87	94	130	-	-	-	-

O volume de vendas (1 353 383 dúzias) foi, também, mais elevado que o do mesmo mês do ano anterior, o qual atingiu 1 167 662 dúzias.

 A AGRICULTURA NO EXTERIOR

(Resumo de notícias e opiniões colhidas em publicações pan-americanas e européias)

O sistema de preços de paridade nos Estados Unidos

Nos anos de 1920 em diante, depois da 2ª Guerra Mundial, fôra amplamente debatida nos Estados Unidos a idéia da igualdade para agricultura, a qual mereceu sérios estudos de economistas, fazendeiros, entidades agrícolas e do Governo. As diversas sugestões corporificaram-se gradualmente numa feição definitiva e, por fim, o conceito de paridade foi definido no "Agricultural Act" do Congresso, em 1933. Paridade significa igualdade ou valor igual. O Congresso dos Estados Unidos definiu os preços de paridade para os produtos agrícolas como o preço que dá a esses produtos igual valor ou igual poder de compra em termos de mercadorias e serviços comprados pelos fazendeiros num período-base. Por outras palavras, os preços deviam colocar as mercadorias vendidas pelos agricultores "ao par" com as mercadorias por eles adquiridas.

No tocante ao período-base, o Congresso norte-americano indicou que existiam razoáveis relações entre os preços agrícolas e os preços industriais durante o período de 1910 a 1914, especificando que esse período devia ser usado como base para o cálculo do preço de paridade.

Assim, em média, se os preços pagos pelos lavradores por equipamentos mecânicos, fertilizantes alimentos, sementes, combustível, material de construção, rações de animais e outras mercadorias, ademais das taxas de salários pagos aos trabalhadores, dos preços do telefone e da eletricidade, juros pelos empréstimos hipotecários, taxas e de outros, são agora, em média, duas vezes maiores que os do período de 1910-1914, os preços dos produtos vendidos pelos fazendeiros devem ser também 2 vezes superiores à média de 1910-1914, para que sejam vendidos na paridade.

Apesar de que o conceito básico ainda prevalece, o Congresso, de tempos em tempos, tem modificado a sua formulação e determinado mais especificamente o que significa paridade, discriminando o papel que deve exercer nos programas agrícolas. A fórmula minuciosa para calcular os preços de paridade foi fixada pelo "Agricultural Adjustment Act" de 1938, emendado, posteriormente, pelos "Agricultural Acts" de 1948, 1949 e 1950.

Principal emprêgo do preço de paridade

O "Crop Reporting Board" do "Agricultural Marketing Service" calcula e divulga mensalmente os preços de paridade para cerca de 160 mercadorias agrícolas. Esse cálculo processa-se de conformidade com as determinações do Congresso norte-americano e de acôrdo com os regulamentos baixados pelo secretário da Agricultura.

Cada um desses preços de paridade varia de mês para mês segundo as oscilações dos preços pagos pelos agricultores. O mais importante uso dos preços de paridade, provavelmente, está ligado aos programas federais de sustentação de preços. Em muitos deles, o nível de sustentação ou de garantia é determinado por uma percentagem específica de paridade. Em geral, adota-se para a sustentação o preço de paridade do último mês antes do início das vendas do produto. Por exemplo, o preço de paridade de junho para o trigo determina o seu nível de sustentação, o preço de paridade de julho determina o nível de garantia do algodão e o preço de paridade de setembro determina o preço de sustentação do milho.

Para outros produtos, o nível de preço mínimo de sustentação é anunciado antes do início do plantio, também de acôrdo com o preço de paridade nessa ocasião. Nesse caso, se o preço de paridade desse produto sobe na época da colheita, o preço mínimo é, igualmente, elevado a essa nova paridade. Se, ao contrário, ela é

mais baixo, mantém-se o mesmo nível de sustentação previamente anunciado.

O "Agricultural Marketing Act" de 1937 prevê a estabilização dos mercados de alguns produtos agrícolas, tais como frutas frescas, vegetais frescos, batatas, lúpulo e outros, por meio de ajustes de mercados. Os preços de paridade constituem importante fator na determinação das necessidades desses acordos para o mercado de tais produtos ou de ordens de compra dessas mercadorias.

Os preços de paridade servem, ainda, para medir a situação real dos agricultores. A comparação do preço de paridade com o preço recebido pelos fazendeiros em dado mês, indica se o preço está ou não ajustado àquele que o Congresso definiu com preço razoável.

Onde são colhidos os dados para os cálculos da paridade ?

Mensalmente, acima de 10 000 compradores e negociantes de produtos agrícolas, além de lavradores e outras pessoas bem informadas no pertinente aos preços dos produtos agrícolas, enviam relatórios sobre os preços correntemente pagos aos agricultores em suas respectivas localidades. De modo análogo, milhares de comerciantes e vendedores de produtos agrícolas enviam relatórios mensais, trimestrais ou semestrais com os preços pagos pelos fazendeiros pelos produtos que adquirem. Esses "price reporters" estão disseminados através de todas as regiões dos Estados Unidos, proporcionando a média dos preços recebidos e pagos pelos lavradores em seus mercados locais. Esses informantes, que fornecem os dados básicos necessários para o cálculo dos índices de preços, prestam serviços voluntariamente, sem nenhuma compensação monetária.

O preço de paridade de um produto, nos Estados Unidos, refere-se à média dos preços de todas as classes e tipos e em todos os mercados locais em que os fazendeiros vendem seus produtos. Quando necessário, em conexão com um programa particular, as discrepâncias entre as diferentes variedades, classes ou tipos de um produto, oriundas da diversidade de mercados, de métodos de venda ou de localização podem, naturalmente, ser calculadas e aplicadas ao nível médio nacional de sustentação ou ao preço de paridade.

Os preços de 1910 e os de 1955 para o lavrador

Se o "farmer" americano pagava 5 dólares para um arado em 1910, quando o milho custava 50 centavos de dólar por "bushel" e paga 20 dólares pelo arado de igual tipo e qualidade em 1955, sabe que o milho por ele colhido deve proporcionar-lhe quatro vezes mais dinheiro ou 20 dólares por "bushel", para ter o mesmo poder aquisitivo em termos de arados que tinha há 45 anos. Esse é o princípio da paridade. Ela, contudo, não é tão simples, assim, de calcular-se, porque o lavrador tem que comprar inúmeras utilidades além de arados. O princípio, porém, é o mesmo. Os estatísticos do Serviço de Mercado Agrícola não tiram a média apenas dos arados, mas, sim, dos preços de um grupo representativo de bens e serviços que os cultivadores têm que comprar, e usam essa medida como um "índice" ou indicador que representa o preço pelo qual uma mercadoria rural teria que ser vendida para dar-lhe um poder aquisitivo de paridade.

A fim de calcular os preços de paridade, designou-se o período de agosto de 1909 a julho de 1914 como base para as mercadorias que os fazendeiros vendem, ao passo que os anos de 1910-1914 foram usados como base para o índice de preços pagos pelos agricultores, inclusive juros e impostos.

Para calcular os preços de paridade em qualquer mês, basta, simplesmente, tomar a variação, para cima ou para baixo, ocorrida desde 1910-1914 nos preços das mercadorias e serviços comprados pelos "farmers" e, então, elevar ou reduzir na mesma proporção a média dos preços de agosto de 1909-julho de 1914 das mercadorias vendidas. A mudança ou proporção é expressa tecnicamente em termos de números índices, sendo que os de 1910-14 são tomados como base, igual a 100.

Com o decurso dos anos, contudo, o panorama agrícola mudou. Os fazen-

deiros vendem, agora, produtos que eram relativamente menos importantes no período de 1910-14 ou para os quais não existem dados daquela época disponíveis ou eram muito poucos; e muita coisa do que compram na atualidade, como tratores, combinados e outros equipamentos modernos não era considerada naquele período-base. Visando a proporcionar um padrão mais atualizado para o cálculo da paridade, o Congresso americano introduziu certas alterações e são essas mudanças que põem em foco os termos "antiga paridade", "paridade transitória" e "paridade modernizada". Essas modificações, contudo, não atingem o conceito básico de paridade.

Paridade " antiga " e " moderna "

Até janeiro de 1950, data efetiva das emendas introduzidas pelos "Agricultural Acts" de 1948 e 1949, os preços de paridade eram computados pela agora chamada "fórmula antiga". No fundamental, essa fórmula determinava que o preço médio de agosto de 1909-julho de 1914 para as mercadorias, seria multiplicado pelo índice de preços pagos pelos fazendeiros, inclusive juros e impostos, para obter o preço de paridade. Por exemplo, os preços recebidos pelos lavradores pelo milho alcançava em média 64,2 centavos de dólar por "bushel" para o período agosto de 1909-julho de ... 1914. Em maio de 1955, o índice de preços pagos pelos fazendeiros, inclusive juros e impostos (tal como calculado antes de janeiro de 1950) foi 284% da sua média de 1910-1914. A antiga fórmula do preço de paridade para o milho foi, assim, 0.642 vezes 284% ou 1 dólar e 82 centavos por "bushel".

Para as mercadorias não existentes no período de 1910-1914, de que não se dispunham de dados, bem como para aquelas cuja produção era tão pequena que os preços não eram considerados adequados, a legislação adotou uma base mais recente, como a de 1919-1929 ou parte dela.

Com início em janeiro de 1950, passou a ser empregada a fórmula "nova" ou "modernizada". Ela, a todos os respeito, manteve a relação entre os preços de paridade e os preços pagos pelos agricultores. Estabeleceu, também, um método que reflete as recentes relações de preços entre as mercadorias; e proporcionou um processo mais desenvolvido para o cálculo dos preços das mercadorias virtualmente desconhecido ou sem importância durante o período-base original.

Essa modernização foi alcançada pelo uso dos preços médios para o período anterior de 10 anos. Os preços básicos ajustados são calculados tomando para cada mercadoria o preço médio dos últimos 10 anos recebido pelos lavradores e dividido pelo índice de preços recebidos pelos fazendeiros no mesmo período de 10 anos. Esses preços básicos ajustados são multiplicados pelo índice de paridade para o cálculo da "nova" fórmula de preços de paridade. Por exemplo, os preços do milho recebidos pelos cultivadores foram, em média, de 1 dólar e 49 centavos por "bushel" na década de 1945-54. Durante esse período, o índice de preços recebidos foi, em média, de 261% da média de 1910-14. Assim, durante 1955, o preço-base ajustado para o milho é de 1 dólar e 49 centavos dividido por 261% ou \$ 0.571 por "bushel". Desde que o índice de paridade em maio de 1955 foi 282% do de 1910-14, a nova fórmula de preço de paridade para o milho em maio de 1955 foi 0.571 vezes 282% ou 1 dólar e 61 centavos por "bushel".

O novo índice de paridade (preços pagos pelos fazendeiros, inclusive juros, impostos e taxas de salários) baseia-se em 350 séries de preços e não em cerca de 175 séries apenas do índice antigo. O novo índice permite, porém, alterações nos preços pagos pelo telefone e serviços de eletricidade, que não era incluídos no antigo índice.

Fonte: "The Agricultural Situation", mensário do "Agricultural Marketing Service" do Departamento de Agricultura, Washington, E.U.A. nº 5 e 7 de maio e julho de 1955 respectivamente.

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
AGOSTO DE 1955*

EM Cr\$

SETORES AGRÍCOLAS	A R R O Z		FEIJÃO	ALGODÃO EM CAROÇO	MILHO	C A F É		AMENDOIM	MAMONA	BATATA	CEBOLA
	Em casca Sac. 60kg	Beneficiado Sac. 60kg	Sacas 60 kg	Por arrôba	Sacas 60 kg	Em casca Sac. 40kg	Beneficiado Sac. 60kg	Em casca Sac. 25kg	Por quilo	Sacas 60 kg	Por arrôba
Aragatuba	340,10	543,10	561,40	133,00	224,50	736,50	2.294,90	79,30	2,90	-	-
Araraquara	364,90	541,20	553,10	-	202,50	703,30	2.200,00	93,40	-	-	-
Avaré	344,90	593,80	483,40	142,10	184,10	081,80	2.052,00	80,00	3,00	200,00	180,00
Bauru	393,70	620,10	488,30	145,80	212,10	737,40	2.268,20	72,70	4,00	-	-
Bebedouro	347,50	615,00	531,20	137,80	185,00	704,70	2.303,20	89,20	4,20	337,10	145,00
Bragança	360,00	550,00	566,40	-	220,00	700,00	2.100,00	-	-	360,00	-
Campinas	401,80	617,30	523,20	162,30	211,30	703,80	2.117,80	-	-	220,00	165,00
Catanduva	386,20	674,10	504,50	140,80	210,00	717,00	2.223,50	82,10	3,50	335,00	165,00
Itapetininga	364,50	601,70	463,50	140,00	196,90	-	-	-	-	271,50	175,20
Jad	432,30	600,00	479,20	-	204,80	685,70	2.074,60	-	4,80	-	-
Marília	370,60	614,90	528,50	131,00	202,10	725,60	2.323,30	81,70	3,20	218,90	125,00
Paraguari	355,00	604,10	485,00	116,70	200,60	722,50	2.175,00	69,00	4,20	-	-
Piracicaba	414,60	654,10	428,20	157,50	214,10	-	-	-	-	252,40	169,10
Pirapunganga	354,40	658,50	475,80	133,40	207,60	774,50	2.429,40	-	-	218,20	139,20
Pres. Prudente	343,30	586,70	564,30	143,80	233,80	618,30	2.435,79	80,10	3,70	209,50	-
Ribeirão Preto	367,20	626,50	509,50	144,40	201,30	710,60	2.290,00	-	3,90	291,90	150,00
S. J. do Rio Preto	412,90	580,20	461,80	123,80	160,00	725,80	2.366,30	-	3,80	-	-
São Paulo	450,00	625,00	500,00	-	233,30	-	-	-	-	316,70	136,70
Santos	-	475,00	600,00	-	250,00	-	-	-	-	-	-
Taubaté	328,20	530,60	575,80	-	233,00	-	-	-	-	350,00	-
Preço ponderado do											
Estado agosto de 1955	369,80	588,60	522,20	136,50	203,50	719,10	2.249,90	81,00	3,90	260,80	158,00
idem em julho 1955	347,00	589,00	423,10	137,10	189,50	618,70	2.020,30	75,60	3,30	220,60	163,70
" " junho 1955	336,30	575,60	410,40	142,10	177,60	558,60	1.838,60	71,70	2,90	222,50	149,20
" " maio 1955	356,20	604,40	414,70	139,60	163,70	617,70	1.938,60	77,00	2,80	199,10	128,80
" " abril 1955	390,50	651,20	745,80	128,70	161,50	641,70	1.967,60	73,50	2,80	209,60	112,90
" " março 1955	430,10	690,90	750,40	132,30	182,40	648,30	1.967,10	77,90	2,70	217,20	107,70
" " fev. 1955	399,20	644,30	620,20	-	148,10	680,30	2.039,10	90,90	2,70	229,10	110,20
" " jan. 1955	400,90	654,30	610,40	-	144,80	703,90	2.088,40	108,90	2,70	300,50	94,70
" " dez. 1954	414,10	677,80	440,40	-	132,20	724,50	2.095,50	137,50	2,90	329,90	81,50
" " nov. 1954	395,40	664,00	345,60	-	112,50	717,10	2.107,70	130,60	2,50	331,80	89,70
" " out. 1954	395,60	662,70	296,20	118,30	99,90	754,20	2.184,20	128,10	2,80	332,00	104,80
" " set. 1954	383,20	642,80	275,10	119,90	95,20	780,70	2.281,20	119,70	2,90	358,00	138,40
" " agosto 1954	370,30	618,90	306,70	101,00	98,10	762,50	2.160,20	115,40	2,80	360,60	147,00

* Dados de 1955 sujeitos a revisão posterior.

Dados coletados pela Seção de Mercados e Preços.

*

**Divisão do Estado de São Paulo em Setores, Regiões
Agrícolas e Municípios**

A partir do presente número de "A Agricultura em São Paulo", substituímos o mapa que figura na última folha externa da capa deste boletim, por um outro em que atualizamos a divisão territorial do Estado de São Paulo, de acôrde com a Lei nº ... 2 456, de 31 de dezembro de 1953, e que vigorará para o quinquênio de 1954-1958. Demais, pelo Decreto nº 23 648, de 16 de setembro de 1954, foram criadas 6 Delegacias Regionais Agrícolas, 30 Setores e 205 Regiões Agrícolas, na conformidade das modificações introduzidas por aquela Lei de 1953.

São as seguintes as Delegacias Regionais Agrícolas: São Paulo (Capital), Araraquara, Avaré, Bauru, Campinas e Ribeirão Preto.

Os Setores Agrícolas estão assim distribuídos: Araçatuba, Araraquara, Avaré, Bauru, Bebedouro, Bragança, Campinas, Cantanduva, Fernandópolis, Franca, Itapetininga, Itapeva, Jaú, Jundíá, Lins, Lorena, Lucélia, Marília, Orlândia, Ourinhos, Paraguaçu, Piracicaba, Piraçununga, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santos, São João da Boa Vista, São José do Rio Preto, São Paulo (Capital) e Taubaté.

São Paulo dispõe, agora, de 435 Municípios, dos quais 369 existentes em 31 de dezembro de 1953 e 66 novos.

* * *

EXPORTAÇÃO DE CABOTAGEM PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
(Toneladas)

PRODUTOS	Janciro		PRODUTOS	Janciro	
	a julho	Agôsto (*)		a julho	Agôsto (*)
ADUBOS					
Aubos	2 218	151	Cacau	560	109
BEBIDAS			Café	-	-
Aguardente	211	78	Carne	861	-
Vinho de mesa	10 633	2 950	Carne de porco	286	-
Outras bebidas	226	13	Castanha	116	41
CEREAIS			Cebola	14 459	222
Arroz	42 633	6 653	Côco	3 368	505
Aveia	439	71	Côco ralado	153	98
Cevada	3 462	575	Condimentos	78	26
Milho	662	30	Conservas	4 914	618
PRODUTOS ANIMAIS			Doces	169	81
Cêra de abelha	78	6	Ext. tomate	684	90
Crina (an. e veg.)	308	68	Farinha mandioca	3 131	636
Peles	340	42	Farinha (outras)	27	-
DIVERSOS			Fêcula mandioca	1 061	117
Fumo em fôlhas	6 786	1 138	Feijão	5 147	249
FIBRAS E FIOS			Leite de côco	51	45
Algodão	15 300	1 273	Lentilha	650	2
Cerôá	1 282	354	Peixe	380	26
Côco	5	5	Pimenta	131	12
Juta	4 077	1 190	Sal	143 838	18 340
Lã	7 616	623	Tapioca	95	1
Malva	674	143	MADEIRAS		
Paina	7	7	Canela	257	45
Piçaba	608	91	Cedro	91	10
Sisal	4 544	905	Imbuia	694	380
Uacima	24	-	Ereijó	357	-
Fios de algodão	11	-	Peroba	3	-
Fios de côco	-	-	Pinho	10 609	4 054
ÓLEOS E GORDURAS VEGETAIS			Sucupira	40	-
Cêra de carnaúba	180	65	Madeirasas (outras)	469	24
Cêra de ouricuri	47	2	PRODUTOS ERVANÁRIA E		
Manteiga de cacau	70	15	SEMENTES		
Óleo de babaçu	1 262	58	Alpiste	60	-
Óleo de caroço de algodão	4 161	668	Babaçu	7 275	151
Óleo de côco	33	-	Guaraná	34	7
Óleo de linhaça	1 855	158	Gergelim	210	-
Óleo de oiticica	231	124	Ouricuri	-	9
Óleo de sassafrás	92	12	Semente ucuúba	784	85
Óleo de tungue	32	-	RESÍDUOS E TORTAS		
Óleo de ucuúba	-	-	Resíduos de algodão	867	243
Sebo de ucuúba	2	-	Torta de cacau	150	87
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS			Tortas (outras)	-	-
Açúcar	51 079	1 590	TRIGO E FARINHA DE TRIGO		
Banha	926	443	Farinha de trigo	142	90
Batata	-	-	Trigo em grão	37 969	1 436

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados ao "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo

(*) Dados suscetíveis de aumento

IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
(Toneladas)

PRODUTOS	Janeiro a julho	Agosto(*)	PRODUTOS	Janeiro a julho	Agosto(*)
ADUBOS					
Cloreto de potássio	25 684	2 466	Castanha	-	-
Fosfato	23 294	4 300	Cevada	9 605	1 204
Salitre do Chile	13 878	1 588	Damasco	18	8
Sulfato de Amônio	10 115	2 247	Ervilha	555	125
Sulfato de potássio	2 223	-	Ext.tomate	-	-
Superfosfato	37 567	2 996	Figo seco	-	-
Hiperfosfato	5 153	-	Grão de bico	561	83
Adubo químico n.c.	20 675	2 050	Leite em pó	484	112
ARAME E GRAMPOS					
Arame farpado	7 184	362	Lentilha	-	-
Grampos p/ cêrca	353	-	Maça	12 923	1 594
BEBIDAS					
Aguardente	16	4	Malte	9 642	408
Champanha	18	0	Malte cevada	3 910	-
Uisqué	15	3	Melão fresco	337	171
Vinho de mesa	427	245	Nozes	149	67
Outras bebidas	61	12	Peixe	70	15
FERRALMENTAS					
Enxadas	2	-	Pêra	6 399	330
Foice	-	-	Peru congelado	-	-
Machados	4	-	Pêssego fresco	402	-
FIBRAS E FIOS					
Fibra cânhamo	47	19	Pimenta em grão	1	-
Fibra linho	59	24	Tâmara	7	-
Fios algodão	-	-	Uva fresca	3 257	-
Fios cânhamo	-	-	Uva passa	185	17
Fios lã	32	-	ÓLEOS E GORDURAS		
Fios linho	1 254	305	VEGETAIS		
Fios raion	-	-	Azeite de oliva	2 584	604
Juta	-	-	Óleo de pinho	3	-
Lã	46	-	MÁQUINAS		
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS					
Alho	2 260	157	Tratores e pertences	5 885	733
Ameixa fresca	896	-	PRODUTOS DE HORTICULTURA E		
Ameixa seca	326	65	SEMENTES		
Amêndoa	51	-	Alpiste	829	178
Anchova	33	-	Jarina	-	-
Azeitona	3 639	376	Lúpulo	698	40
Aveia	3 371	173	Palha de Guiné	667	60
Avelã	53	-	Sementes de flores	7	-
Bacalhau	6 306	337	Sementes de horta	5	-
Batata(e semente)	5 219	1	PRODUTOS QUÍMICOS		
Canela	4	-	D.D.T. em pó	163	171
Cravo	1	-	Fungicida	150	37
TRIGO E FARINHA DE TRIGO					
			Hexacloroto benzeno	257	144
			Inseticidas	2 720	851
			Óleos essenciais	7	2
			Farinha de trigo	13 000	-
			Trigo em grão	321 726	106 362

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

(*) Dados suscetíveis de aumento.

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
(Toneladas)

P R O D U T O S	Janeiro		Julho	Agosto
	a	junho		
Café (sacas 60 quilos) (1)	3 035	255	599 696	502 839
Algodão empluma (2)	57	270	15 984	15 548
Algodão "linters" (2)	7	808	1 345	1 843
Resíduos de algodão (2)	2	918	443	724
Piolho de algodão (2)	-	-	-	-
Milho (3)	13	693	-	-
Arroz (3)	-	-	-	-
Fragmentos de arroz (3)	-	-	-	-
Amendoim em casca (3)	-	61	-	-
Amendoim descascado (3)	15	622	1 595	183
Mamona (3)	3	244	102	859
Chá (3)	-	199	60	1
Fécula de mandioca (3)	-	512	3	345
Óleo de limão (3)	-	-	-	-
Erva mate (3)	-	32	-	-
Laranja (caixas)	221	914	98 000	90 554
Banana (cachos) (3)	6 534	236	486 553	823 234
Banana Flakes (4)	-	98	43	-
Bambu	-	34	1	6
Caféina	-	-	-	-
Cacau	-	8	77	-
Carne em conserva	-	232	257	398
Carne salgada	-	-	-	-
Cola de ossos	-	-	-	-
Cérea de carnaúba	-	3	-	-
Cérea de abelhas	-	40	-	-
Couros curtidos	-	-	-	-
Couros de porcos curtidos	-	-	-	-
Couros salgados e secos	3	269	690	83
Crina animal	-	32	1	-
Farinha de chifres e ossos	-	273	45	-
Farinha de sangue	-	25	-	30
Farelo de amendoim	-	-	-	-
Farelo de babaçu	-	-	-	-
Farelo de gergelim	-	-	-	-
Fios de algodão	-	78	19	9
Fumo em fôlhas	-	-	-	-
Glândulas congeladas	-	26	11	20
Madeiras	-	105	-	58
Manteiga de cacau	-	-	-	-
Mentol	-	132	15	5
Óleo de amendoim	-	-	-	-
Óleo de eucalipto	-	12	3	2
Óleo de hortelã	-	86	4	1
Óleo de mamona	3	607	102	-
Óleo de sassafrás	-	96	17	17
Óleo de tungue	-	288	-	21
Ossos	-	316	94	23
Peles silvestres	-	457	65	25
Resíduos de fiação	-	163	8	-
Resíduos de raion	-	-	-	-
Sangue sêco	-	764	99	38
Tecidos de algodão	-	4	1	-
Torta de cacau	-	71	-	-

Fontes: 1 - Instituto Brasileiro do Café

2 - L. Figueiredo S/A

3 - Divisão de Economia Rural

4 - Associação Comercial de Santos



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO EM
 DELEGACIAS, SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS
 E MUNICÍPIOS

1955

LEGENDA:

- SEDE DE DELEGACIAS AGRÍCOLAS
- ▲ SEDE DE SETORES AGRÍCOLAS
- SEDE DE REGIÕES AGRÍCOLAS
- + MUNICÍPIOS
- DIVISA DE DELEGACIAS
- DIVISA DE SETORES
- DIVISA DE REGIÕES
- DIVISA DE MUNICÍPIOS

ESCALA 1:500.000
 (1 cm = 50 km)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA